

JACINTO
LUCAS PIRES

Universos e
Frigoríficos

TEATRO



Título: *Universos e Frigoríficos*

© Jacinto Lucas Pires e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1997

1.ª Edição: Outubro de 1997

2.ª Edição: Julho de 1999

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8028-95-4

Das páginas 56 a 70 a personagem Francisca lê excertos do *Guia de História da Arte*, direcção de Sandro Sproccati, tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Editorial Presença, 3ª edição, Lisboa, 1997.

Jacinto Lucas Pires

Universos e Frigoríficos

Cotovia

O chão coberto de papéis e lixo, num banco de jardim um rapaz dorme. Está vestido com um fato preto, gravata também preta e camisa branca, e tem uma ligadura na cabeça. Ouve-se a cidade a amanhecer. De repente o rapaz acorda, sobressaltado. Levanta-se, olha para todos os lados, não sabe que lugar é aquele. Depois pára, e põe-se a olhar para si mesmo: para as suas mãos, para os seus braços, para a sua roupa, para os seus sapatos. Com os dedos percorre as feições do rosto. Está espantado consigo próprio, não se reconhece. Põe a mão no bolso do casaco e tira de lá uma pistola. Fica um instante a olhar para ela, surpreendido, mas, ao ouvir um velho mendigo que se aproxima, de cartola, bengala e arrastando um caixote por uma trela, volta a guardá-la, rápido.

VELHO Vá, deita-te.

RAPAZ O quê?

VELHO Deita-te.

RAPAZ Mas...

VELHO Deita-te. O galo ainda não cantou.

RAPAZ O galo?

VELHO Sim, o galo. Não sei se sabes, mas os galos cantam. Cócórocó, cócórocó. E o dia só começa quando eles cantam.

RAPAZ Eu...

VELHO (*ameaçando-o com a bengala*) Deita-te, já disse. Deita-te e fecha os olhos. Só os podes abrir quando ouvires o galo.

O rapaz obedece.

RAPAZ (*deitado e de olhos fechados*) E vai demorar muito?

VELHO Não sei, eles nunca têm uma hora certa. Quer dizer, pelo menos acho que não...

Intrigado com a questão, o velho fica um tempo a pensar.

RAPAZ Então? Já posso abrir os olhos?

VELHO Já ouviste algum galo, por acaso?

RAPAZ Não, mas...

VELHO Nem mas nem meio mas. Se não ouviste nada, cala-te e dorme. Ficas aí até que um galo inaugure o dia. Aliás, já deve estar quase. Quando o sol brilhar ali em cima, no vidro do candeeiro, é que eles começam a cantar. (Bem vistas as coisas, sempre têm uma hora certa, só não têm é os nossos relógios.)

RAPAZ O quê?

VELHO Nada, não foi nada. Dorme.

Uma luz brilha no alto, tão afiada quanto breve.

Silêncio, é agora. É agora. Não faças barulho. Ouve.

Não se ouve nada.

Lá está. Ouviste? Cócórócó, cócórócó.

RAPAZ Quer dizer que já me posso levantar?

VELHO Claro. Não ouviste o galo? Hoje cantou até mais alto do que o costume, deve querer dizer alguma coisa. Talvez este seja um dia especial, quem sabe. Hã? Ouviste?

RAPAZ (*já levantado*) Bem... para dizer a verdade...

VELHO (*zangado*) O quê? Não ouviste o galo? Não ouviste?

RAPAZ (*amedrontado*) Não, eu ouvi, é claro que ouvi. Ouvi perfeitamente, sem dúvida que ouvi. Um cantar... bem, um cantar... forte... de galo... Cócórócó... Como é que podia não ter ouvido? Ouvi, é óbvio que ouvi. Sem qualquer dúvida. Ouvi sem qualquer dúvida, sem dúvida nenhuma...

VELHO (*de novo bem-disposto*) Então, muito bom dia.

O velho e o rapaz dão um passou-bem.

RAPAZ Bom dia.

Após o cumprimento, o velho volta a pegar na trela e puxa o caixote atrás de si. Vai olhando para o chão, à procura sabe-se lá do quê. Às tantas pára e apanha um papel sujo. Desembrulha-o, dá-lhe uma vista de olhos, e de seguida deita-o fora. Enquanto isto, o rapaz permanece de pé junto ao banco. Olha para todos os lados, não sabe que lugar é aquele.

RAPAZ Olhe, desculpe lá, só mais uma coisa. Eu sei que isto lhe vai parecer estúpido mas... Que sítio é este?

VELHO Isto aqui é o jardim.

RAPAZ O jardim... E, para lá disto, o que é que há?

VELHO Para lá daqui, para lá destas árvores caladas, há a cidade. A toda a volta disto há apenas prédios, movimento, notícias de jornais. A cidade.

Ouve-se o barulho dos carros misturado com outros barulhos mais pequenos.

Mas porquê? Por que é que me perguntas estas coisas? Toda a gente sabe isto.

RAPAZ (*sem atender à pergunta do velho*) Então, que direcção é que eu devo tomar?

VELHO Bom, isso é como dizia o outro: depende.

RAPAZ Depende?

VELHO Sim. Depende de para onde é que queiras ir.

RAPAZ (*apontando com o dedo*) Mas acha que é melhor eu ir por aqui ou por ali?

VELHO Tu não tens as ideias assim lá muito claras, pois não? De onde é que fugiste?

RAPAZ Eu...

VELHO Aposto que és daqueles doidos que juram que são o Napoleão ou qualquer outro animal exótico que nunca viram.

RAPAZ Não, eu...

VELHO Uma vez conheci um homenzinho desses. Perfeitamente inofensivo. Tinha-lhe entrado na ideia que era um autoclismo, imagina só. Um autoclismo. Uma pessoa fazia-o feliz se lhe espetasse um murro no nariz para que ele pudesse cumprir o seu destino de máquina. Mijava-se todo então, e explicava que aquilo era a água de limpar a retrete. Juro que é verdade. Tão verdade como estarmos aqui eu e tu, tu e eu. A doença tinha um nome daqueles muito esdrúxulos, estranhíssimos, desses que só fazem sentido escritos em letra de médico, uma palavra meio grega meio troiana, do tamanho de um autocarro, mas na realidade o problema do homem resumia-se a uma coisa simples. Tratava-se de um problema de vocação. O sujeito achava que devia ser um autoclismo humano, que era para isso que tinha vindo ao mundo, que só isso o transformaria finalmente nele, no que ele era de verdade. (É como dizia o outro: isto há cada um.)

RAPAZ Mas eu...

VELHO Vá, diz lá, não tenhas vergonha. De que manicomio é que vens?

RAPAZ ...Não me lembro.

VELHO Não te lembras. E como é que te chamas?

RAPAZ Não me lembro.

VELHO Também não te lembras. E que idade tens?

RAPAZ Também...

VELHO (*interrompendo-o aos berros*) E de que coisas é que gostas? E qual é o nome da tua mãe? E em que terra é que nasceste? E por quem...

À beira das lágrimas, o rapaz aponta a pistola à cara do velho.

(*noutro tom*) E por quem é que darias a vida?

Dito isto, ficam os dois imóveis durante alguns segundos, alguns longos segundos, olhos nos olhos. Até que o rapaz fraqueja. O braço esticado cai-lhe, como se não aguentasse o peso da arma.

RAPAZ Desculpe. Não estou em mim. Peço-lhe que me desculpe.

VELHO Não te lembras mesmo de nada?

RAPAZ Não.

Um cansaço súbito ataca o rapaz, que vai sentar-se no banco, desanimado, e volta a guardar a pistola. O velho, por seu lado,

limita-se a olhar o jovem, e hesita. Pela primeira vez desde há muito tempo não sabe o que dizer. Depois de uns instantes de silêncio o rapaz levanta a cabeça e fala.

RAPAZ Há bocado, quando o senhor chegou com aquela história do galo, por que é que só eu é que tive de esperar que ele cantasse?

O velho encara-o de sobrolho franzido.

Sim, por que é que o senhor também não teve de deitar-se e fingir que dormia até que o cantar... como é que era?... até que o cantar... “inaugurasse o dia”? O sol quando nasce é para todos. E quando não nasce também.

VELHO Onde é que aprendeste isso?

RAPAZ Isso, o quê?

VELHO Isso do sol que nasce e não nasce.

RAPAZ Não sei. Isto é, não sei se não sei ou apenas se não me lembro, como o resto tudo.

VELHO Ah, é verdade, não te lembras.

RAPAZ Mas diga lá então: por que é que só eu é que tive de esperar pelo galo?

O velho pensa um momento mas não encontra nenhuma resposta. Decide, assim, ignorar a pergunta e mudar de assunto.



e.

*Acabou de imprimir-se
em Julho de 1999
na Tipografia Guerra (Viseu)
numa tiragem de 600 exemplares*

DEPÓSITO LEGAL 139 025/99